

A importância da leitura no ensino superior

Silmara de Jesus Bignardi dos Santos

Mestre em Educação - PUCAMP

Professora do Centro Universitário Anhanguera - Unidade Pirassununga

e-mail: silmarajbs@bol.com.br

■ Resumo

Considerando que a leitura é essencial para o aprendizado do aluno, e, conseqüentemente, tem implicações na sua formação acadêmica e no seu desempenho como futuro profissional, este trabalho destaca a importância do professor conhecer a fundamentação teórica sobre o ensino da leitura para fundamentar sua ação pedagógica pois além de ter os conhecimentos específicos de uma determinada disciplina, é preciso também ter conhecimentos sobre o ensino da leitura. Identificar as habilidades e estratégias envolvidas na leitura é decisivo para se realizar um bom trabalho em sala de aula, pois essa é uma ação que poderá contribuir para corresponder às necessidades emergentes do ensino atualmente, isto é, conduzir o aluno à produção de conhecimentos novos, sem perder de vista o conhecimento já elaborado. Assim, o ato de ler e o de aprender são duas realidades muito próximas, portanto indissociáveis, interferindo-se mutuamente. Dominar a leitura e ser um leitor proficiente conduz o aluno a uma atitude ativa, dinâmica e crítica em relação ao conhecimento.

Palavras-chave: Leitura; Aprendizagem; Ensino Superior

■ Abstract

Considering that the reading is essential for the student's learning, and, consequently, she has implications in her academic formation and in her acting as professional future, this work detaches the teacher's importance to know the theoretical basis on the teaching of the reading to base her pedagogic action because besides having the specific knowledge of a certain discipline, it is necessary also to have knowledge on the teaching of the reading. To identify the abilities and strategies involved in the reading is decisive to accomplish a good work in classroom, because that is an action that can contribute to correspond to the emerging needs of the teaching now, that is, to drive the student to the production of new knowledge, without losing of view the knowledge already elaborated. Like this, the action of reading and the one of learning is very close two realities, therefore inseparable, interfering with mutually. To dominate the reading and being a proficient reader leads the student to an attitude activates, dynamics and critic in relation to the knowledge.

Key-words: Reading; Learning; Academic Courses

■ Introdução

A leitura no âmbito universitário tem sido objeto de estudo realizado por educadores e pesquisadores. Muitos desses estudos destacam a sua importância como um dos caminhos que levam o aluno ao acesso e à produção do conhecimento, enfatizando a leitura crítica como forma de recuperar todas as informações acumuladas historicamente e de utilizá-las de forma eficiente. Entretanto, tem sido demonstrado que os alunos ingressam no curso superior apresentando grandes dificuldades em relação à leitura, isto é, não conseguem compreender os textos lidos, textos esses que são solicitados pelos professores e, portanto, imprescindíveis para uma sólida formação acadêmica.

Essa dificuldade, no contexto universitário, pode ser perfeitamente compreendida. Ela se deve, principalmente, à ausência de tradição no ensino do país de práticas docentes que conduzam à formação de um leitor proficiente.

Se a dificuldade existe, não adianta reclamar, ou atribuir a culpa aos professores do Ensino Básico, esperar que a dificuldade desapareça como num passe de mágica, ou ignorar o fato e prosseguir com a aula acreditando que se está ensinando e o aluno aprendendo. É preciso oferecer condições para que o aluno tenha oportunidades para sanar suas deficiências e isso depende do professor, não acontecerá por acaso, espontaneamente.

O aprender a aprender já se tornou um ponto fundamental e indiscutível em Educação, mas para tanto é imprescindível um leitor proficiente, um leitor que seja capaz de compreender um texto escrito, que seja capaz de se posicionar diante dele com criticidade e que tenha autonomia intelectual. Senão, como buscar novos conhecimentos? Como aprender sem a leitura? Como encontrar soluções para os problemas sem a fundamentação teórica proporcionada através da leitura?

Refletir sobre a dimensão da importância da leitura no contexto universitário nos conduz a uma análise de conceitos e objetivos que servem de referência para o agir pedagógico.

A ação docente deve pautar-se pelos quatro pilares da educação superior contemporânea, estabelecidos no relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, assim estabelecidos: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

No interior da discussão sobre a importância do agir pedagógico nesse novo paradigma, Rios (1999) afirma que:

(...) o saber fazer bem tem uma dimensão técnica, a do saber e do saber fazer, isto é, do domínio dos conteúdos de que o sujeito necessita para desempenhar o seu papel, aquilo que se requer dele socialmente, articulado com o domínio das técnicas, das estratégias que permitam que ele, digamos, “dê conta de seu recado” em seu trabalho. (RIOS, 1999, p.47)

Com todas as transformações que estão ocorrendo no mundo, é preciso desenvolver a autonomia nos alunos levando-os a aprender a aprender. Isso implica oferecer-lhes a condição de refletir, analisar e tomar consciência do que sabe e a mudar os conceitos, seja para processar novas informações, seja para substituir conceitos adquiridos no passado e adquirir novos conhecimentos.

Nessa concepção, a educação visa a preparar o aluno para a vida sócio-política e cultural, cumprindo seu ideal político que é a emancipação do homem. Conforme Saviani:

(...) a compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não material cujo produto não se separa do ato de produção nos permite situar a especificidade da educação como referida aos conhecimentos, idéias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma de uma segunda natureza, que se produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas que se travam entre os homens. (SAVIANI, 1992, p. 29)

Considerando que a leitura é essencial para o aprendizado do aluno, e, conseqüentemente, tem implicações na sua formação acadêmica e no seu desempenho como futuro profissional e, além disso, de ser a base de toda ação pedagógica, este trabalho destaca o que os pesquisadores têm ressaltado sobre o ensino da leitura, pois além de ter os conhecimentos específicos de uma determinada disciplina, é preciso conhecer a fundamentação teórica sobre o ensino da leitura para trabalhá-la em sala de aula. Identificar as habilidades e estratégias envolvidas na leitura é decisivo para se realizar um bom trabalho em sala de aula, pois essa é uma ação

que poderá contribuir para corresponder às necessidades emergentes do ensino atualmente, isto é, conduzir o aluno à produção de conhecimentos novos, sem perder de vista o conhecimento já elaborado.

Embora a leitura tenha muitos aspectos, lê-se por muitas razões como, por exemplo, para obter informações ou para entretenimento, neste trabalho sua importância é dada por considerá-la fundamentalmente como fonte de conhecimento indispensável para a formação acadêmica e, posteriormente, para o exercício profissional.

■ O cenário: práticas de leitura na graduação

Após a indicação da bibliografia, o professor solicita aos alunos a leitura dos textos que serão discutidos na sala de aula. A aula do professor está diretamente articulada à realização dessa leitura prévia dos textos. Porém, como os alunos demonstram dificuldades para compreendê-los, o que se percebe é que não há propriamente uma discussão em sala de aula sobre as idéias apresentadas pelo autor e sim a exposição, pelo professor, daquilo que considera importante. Ou então, a partir da leitura do texto, passa-se a discutir um tema; porém não se dialoga com as idéias do autor. O aluno afasta-se do texto lido passando a comentar o tema conforme o seu conhecimento prévio, extrapolando para outras questões paralelas.

Além disso, a leitura dos textos também é utilizada para a realização de resumos, sendo que, muitas vezes, não há explicitação de um objetivo para essa atividade, bem como não há o retorno para o aluno sobre o texto que produziu.

O problema se agrava quando o professor solicita uma resenha. Não há como o aluno posicionar-se criticamente diante de um texto quando ele sequer compreendeu as idéias apresentadas. O texto do aluno, geralmente, revela a sua incompreensão e se caracteriza como uma colagem do texto original, isto é, revela que ainda não se constituiu como um leitor proficiente.

Em relação a não compreensão dos textos pelos alunos, não há uma ação pedagógica planejada para orientá-los quanto ao desenvolvimento das suas habilidades e de estratégias cognitivas utilizadas na leitura proficiente. Não é realizado nenhum trabalho pedagógico com desenvolvimento de atividades cognitivas de reflexão, com ativação do conhecimento prévio e análise crítica do conteúdo lingüístico que possa levar os alunos

à compreensão do texto.

Os resultados obtidos das práticas empregadas parecem conduzir o aluno à reprodução e à memorização, não ocorrendo a aprendizagem significativa.

Certamente, o professor tem papel fundamental no processo ensino-aprendizagem, é fundamental conhecer os conceitos teóricos sobre processamento de textos escritos para uma ação pedagógica bem informada e fundamentada.

Sendo assim, se o aluno ainda não desenvolveu as habilidades necessárias e não sabe utilizar estratégias para a compreensão de textos, o professor deve criar oportunidades em sala de aula para que isso ocorra. O professor tem um papel determinante na formação e no desenvolvimento das habilidades e competências que os alunos ainda não adquiriram. Deve criar situações para despertar a curiosidade, desenvolver a autonomia; deve, enfim, criar as condições necessárias para a formação de um leitor proficiente.

■ Leitura: compreensão e criticidade

A dificuldade dos alunos para compreender os diferentes textos que são necessários para a sua formação acadêmica, principalmente os propostos nos trabalhos de leitura em sala de aula, requer uma reflexão sobre a prática efetiva de ler, compreender e criticar.

Os diversos conceitos de leitura existentes podem ser agrupados em duas grandes concepções, geralmente vistas como antagônicas.

Uma primeira tendência é a que prioriza o texto, conseqüentemente, a leitura é vista como produto, como reconhecimento de sentidos materializados na superfície textual. Essa posição não considera a importância do leitor e preconiza a noção de texto como objeto autônomo e fechado de sentidos estáveis.

Essa postura provém de uma visão estruturalista e mecanicista da linguagem, entendendo que o sentido está no texto. Portanto, caberia ao leitor a tarefa de decodificar e reconhecer os elementos lingüísticos já conhecidos e descobrir o significado dos elementos desconhecidos.

Uma segunda tendência prioriza o leitor, ele é visto como fonte de sentidos. Segundo essa posição, a leitura consiste justamente em um processo de atribuição de sentidos ao texto cuja materialidade lingüística tem a significação que lhe for atribuída pelo leitor.

Essa segunda concepção de leitura está fundamentada na psicologia cognitivista e considera que o leitor é a fonte de sentido, portanto opõe-se, em parte, à concepção anterior.

O que se pode perceber é que essas duas tendências têm se revelado incapazes de produzir um leitor crítico, um leitor capaz de construir sua compreensão a partir das palavras do autor e posicionar-se com sua contra-palavra.

É importante ainda refletir a respeito de uma terceira posição teórica sobre leitura, intermediária em relação às duas tendências e que supera essa dicotomia texto-leitor, denominada sociointeracionista e desenvolvida a partir do conceito Vygotskyano de interação na aprendizagem.

Essa posição entende que a construção de sentidos se dá através de um processo ativo e dinâmico de negociação entre autor e leitor no espaço compartilhado do texto. Portanto, o leitor para construir o significado durante a leitura mobiliza seu conhecimento prévio, socialmente adquirido e armazenado em esquemas mentais, confrontando-os com as pistas lingüísticas impressas pelo autor no texto, entende-se, portanto, que a leitura se processa na interação autor-texto-leitor.

Conforme as recentes correntes teóricas, o texto já não pode ser considerado como um objeto lingüístico cujos sentidos existem fora de um contexto sócio-histórico e discursivo. Koch (1997) define texto como evento discursivo, que vai além da sua materialidade lingüística, encaminhando-se, assim, para uma perspectiva interacional com inclusão do aspecto sócio-histórico.

Também Kleiman (1998), ao discutir sobre questões de letramento, adota uma concepção de texto escrito como evento discursivo que não pode ser desvinculado do contexto sócio-cultural em que é produzido. Assim, reivindica a necessidade de se legitimar outros modos de ler, diferentes do padrão escolar, os quais se constituem em função do contexto em que seus participantes estão inseridos.

É através da leitura e sua respectiva compreensão que se consegue entender a realidade. Compreender um texto é estabelecer uma relação dinâmica com um determinado contexto, bem como perceber criticamente a objetividade dos fatos desse contexto. Assim, a leitura de um texto precisa transcender os limites dele mesmo e remeter o leitor à percepção e análise da realidade.

Discorrendo sobre a importância do ato de ler - a realidade e a palavra, Freire (1999) enfatiza que a leitura não deve ser apenas um processo mecânico de repetição das palavras, mas da compreensão destas e do contexto que as envolve. Para ele, o aprendizado da leitura está presente em todas as fases da vida, iniciando-se na infância, quando se tem a primeira percepção de mundo e segue através da leitura da palavra propriamente dita. Afirma o autor "A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto" (FREIRE, 1999, p. 11).

Ao narrar suas primeiras experiências de leitura como "momentos em que os textos se ofereciam à nossa inquieta procura" (op.cit, p. 16), Freire coloca uma outra idéia interessante que é a do ato de ler como engajamento, como busca interessada e significativa por parte do leitor em oposição à recepção passiva e indiferente que caracteriza a leitura no contexto escolar.

Essas duas noções são fundamentais para configurar uma leitura crítica. São igualmente necessárias a percepção das relações texto-contexto e a ida ao texto com uma disposição de procura significativa, em uma atitude de engajamento reflexivo. Faz-se necessário ressaltar que a palavra contexto está sendo utilizada em um sentido bastante abrangente, isto é, como contexto sócio-histórico (situação social, cultural, histórica e ideológica que envolve a produção), discursivo (situação de enunciação) e intertextual (relação do texto lido com outros textos com os quais ele dialoga).

Para Freire (1982) não se pode fazer apenas uma leitura mecânica do texto, na qual se memoriza o conteúdo, sem compreendê-lo. É imprescindível ter postura crítica para que o estudo possa ser produtivo. Essa postura crítica necessária ao ato de estudar requer que se "assuma o papel de sujeito desse ato". Logo, um determinado trecho de um texto pode suscitar reflexões no sujeito que o levem a novos caminhos, às novas descobertas.

É, portanto, necessário, na leitura de um texto, além da compreensão do seu conteúdo, ter postura constante de busca.

Também o ato de estudar um texto implica numa relação dialógica com o seu autor, em que se evidencia seu posicionamento histórico-sociológico e ideológico. É função do sujeito leitor perceber esse posicionamento que, muitas vezes, está implícito no texto.

Leitura e compreensão são atividades de grande importância na aprendizagem; portanto, o trabalho em

sala de aula desencadeado a partir da leitura deve privilegiar o desenvolvimento do processo de compreensão e criticidade. A leitura dos alunos não pode limitar-se à decodificação. Formar um aluno que realize uma leitura proficiente e seja crítico, supõe formar alguém, cuja compreensão da leitura ultrapasse a simples decodificação, alguém que construa um significado através dos elementos lingüísticos e dos elementos implícitos no texto, que estabeleça relações com outros textos já lidos posicionando-se diante das idéias do autor.

■ Aprendizagem, ensino e leitura

Kleiman (1989) abordando aspectos da leitura e da compreensão de textos afirma que esta é uma atividade complexa, pois envolve uma multiplicidade de processos cognitivos, nos quais o leitor se engaja para construir o sentido de um texto escrito. A autora enfatiza a importância de conhecer tais aspectos, pois são eles que constituem e contribuem na formação do leitor. Assim, tece esclarecimentos sobre o conhecimento prévio que se tem ao ler, os objetivos e as expectativas, as estratégias de processamento do texto e a interação na leitura.

Considera os conhecimentos que o aluno possui, denominando-os de conhecimentos prévios, como um dos fatores essenciais para a compreensão de um texto. O leitor, durante a leitura, utiliza-se do conhecimento que ele já tem, como o conhecimento lingüístico, o textual e o conhecimento de mundo para construir o significado de um texto. Dessa forma, a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento já adquirido pelo leitor, pois sem esse conhecimento ou com a sua limitação, não haverá compreensão, ou pelo menos, haverá um comprometimento em relação ao seu significado.

Fazem parte desse conhecimento prévio do leitor o conhecimento lingüístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. Segundo a autora, é na interação desses níveis de conhecimento que o leitor consegue construir o sentido do texto; por isso, esses conhecimentos devem ser ativados durante a leitura para se atingir o momento da compreensão.

Aquilo que é individual na leitura, os aspectos que são únicos e que são determinados pelos objetivos e propósitos específicos do leitor também são relevantes no processo de compreensão. Segundo Kleiman (1989, p. 36) “(...) uma das atividades do leitor, fortemente

determinada pelos seus objetivos e suas expectativas é a formulação de hipóteses de leitura”. Essas atividades são de natureza metacognitiva e opõem-se aos automatismos e mecanismos típicos de uma leitura superficial.

Entendendo leitura como um ato individual de construção de significado num contexto que se apresenta mediante a interação entre autor e leitor, a autora considera necessário o ensino de “estratégias de leitura”, entendendo-as como “operações regulares para abordar o texto”. Estratégias em leitura é uma ação, ou uma série de ações, utilizadas com a finalidade de construir significados. Assim, Kleiman (1989), e também Koch (1997) conceituam estratégias como formas deliberadas de construção de significado, quando a compreensão é interrompida. Classificando-as em “estratégias metacognitivas” e “estratégias cognitivas”, o ensino estratégico de leitura consistiria no desenvolvimento dessas e na modelagem daquelas.

As estratégias metacognitivas são definidas como “operações (não regras) realizadas com algum objetivo em mente, sobre as quais temos controle consciente, no sentido de sermos capazes de dizer e explicar a nossa ação” (Kleiman, 1998, p. 50). Assim, se o leitor tiver controle consciente sobre essas operações, saberá dizer para que ele está lendo um texto e saberá dizer quando não está entendendo um texto. Essas são as características básicas apontadas para que um leitor seja considerado proficiente.

Já as estratégias cognitivas da leitura regem os comportamentos automáticos, inconscientes do leitor, são aqueles processos através do qual o leitor utiliza elementos formais do texto para fazer as ligações necessárias à construção de um contexto.

Através de estratégias de processamento de texto, o leitor interpreta as suas marcas formais, que são percebidas como elementos de ligação entre as formas contíguas de suas micro e macroestruturas. É uma tarefa que pode ser complexa em função da rede de relações (sintáticas, lexicais, semânticas e pragmáticas) que se sustentam no texto e que o tornam um objeto rico demais para uma percepção rápida, imediata e total. Essas relações estabelecem o processo de compreensão e orientam o leitor na organização de formas e regras utilizadas para o estabelecimento da coesão e da construção de uma macroestrutura.

Apresentando algumas considerações sobre o caráter interacional da leitura, afirma a autora que existe

uma responsabilidade mútua entre autor e leitor, pois ambos devem zelar para que os pontos de contato sejam mantidos, apesar das possíveis divergências de opiniões. Esse caráter interacional da leitura pressupõe a presença do autor no texto, caracterizado pelas marcas formais, que atuam como pistas para a reconstrução do caminho percorrido por ele durante a produção do texto. A competência do leitor para análise dessas pistas é considerada como pré-requisito para o seu posicionamento crítico frente ao texto.

Logo, o trabalho com a leitura deve estar fundamentado numa concepção teórica consistente sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de textos.

A proposta da autora para o ensino de leitura consiste no modelamento de estratégias metacognitivas, mediante a formulação de objetivos prévios à leitura e à elaboração de hipóteses sobre o conteúdo do texto. No início, ou até que o aluno adquira autonomia, o professor pode elaborar atividades visando a ensinar o aluno, através de um modelo, a ler com objetivos pré-determinados.

Para Koch (1997), o processamento textual deve ser visto como uma atividade tanto de caráter lingüístico, como de caráter sociocognitivo. Para o seu processamento contribuem três grandes sistemas de conhecimento: o lingüístico, o enciclopédico e o interacional. As estratégias de processamento textual implicam na mobilização “on-line” dos diversos sistemas de conhecimento e podem ser divididas em três tipos: estratégias cognitivas, sócio-interativas e textuais.

Segundo essa autora, uma boa leitura seria aquela em que o leitor conseguisse perceber que além da significação explícita, existe a significação implícita que está ligada a intencionalidade do “emissor”. Assim, defende a idéia de que o texto apresenta uma multiplicidade de interpretações ou de leituras, não sendo possível atribuir apenas uma interpretação como única e verdadeira. Porém, nem toda compreensão é válida; pois a compreensão de um texto consiste na apreensão das significações possíveis que são representadas através de “marcas lingüísticas” que funcionam como “pistas” para que o leitor faça a “decodificação” adequada.

Assim sendo, o aluno precisa ser preparado para reconhecer essas marcas e alertado para o fato de que elas estão inseridas na própria gramática da língua. É preciso também fazer com que o aluno saiba que através das pistas que são fornecidas pelo texto é possível não

só “reconstruir o evento da enunciação”, como também recriá-lo a partir do conhecimento e da visão de mundo de cada um. Conseqüentemente, em cada nova leitura de um texto poder-se-á descobrir novas significações.

Enfatiza que se essas habilidades forem desenvolvidas elas constituir-se-ão na competência de leitura e, conseqüentemente, o aluno deixará de ser um “elemento passivo” e participará como “sujeito ativo” do ato de ler.

Citando Paulo Freire, Koch (1996, p.160) ressalta a importância do ensino da leitura para que o aluno torne-se “sujeito do ato de ler” e seja capaz de “ler o mundo”, demonstrando criticidade diante da realidade em que está inserido. Para que o aluno torne-se apto para isso, o professor exerce papel fundamental. Durante as atividades na sala de aula, o professor deve mostrar ao aluno que um texto apresenta diversos níveis de significação.

Orlandi (1996, p. 35), para quem a leitura deve ter uma importante função no trabalho intelectual, considera-a como uma questão lingüística, pedagógica e social ao mesmo tempo. Diz que a leitura não deve ficar restrita ao seu caráter mais técnico, pois isso conduziria o seu tratamento em termos de estratégias pedagógicas imediatistas.

Assumindo a perspectiva da Análise do Discurso, afirma que na leitura de um texto não há apenas a decodificação e a constatação de um sentido que já está dado nele. Para Orlandi o texto não deve ser entendido apenas como um produto, deve-se observar o processo de sua produção, da sua significação. Conseqüentemente, o leitor não apreende um sentido que está no texto, mas sim atribui sentidos ao texto. Logo, a leitura é produzida e procura-se determinar o processo e as condições de sua produção. São mencionados como componentes das condições de produção da leitura: os sujeitos (autor e leitor), a ideologia, os diferentes tipos de discurso e a distinção entre leitura parafrástica e a polissêmica.

■ Considerações finais

A partir do que se coloca atualmente como objetivos e finalidades do ensino superior, a importância do domínio do ato de ler assume posição de destaque, pois estabelece uma relação direta com a aprendizagem.

O domínio da capacidade de ler é condição para se efetivar a aprendizagem e o “aprender a aprender”.

O aluno que aprende a aprender é aquele que é leitor. O leitor que aprende a aprender é aquele que primeiro domina uma técnica de leitura e tem, diante do texto, uma posição de aprendizagem, de busca e uma postura crítica.

O ato de ler e o de aprender são duas realidades muito próximas, portanto indissociáveis, interferindo-se mutuamente. Dominar a leitura conduz o aluno a uma atitude ativa, dinâmica e crítica em relação ao conhecimento.

Reitero as palavras de Severino (1998) quando se refere à Universidade “como lugar de construção de conhecimento científico, filosófico e artístico”, onde professor e aluno são desafiados a buscar o conhecimento novo de forma crítica, reflexiva e criativa e isso só é possível para um leitor proficiente.

Repensar o ensino superior a partir do trabalho com leitura significa primeiro definir a clientela a quem se destina, implica considerar os conhecimentos que os alunos já possuem e as suas dificuldades. Realizar um trabalho que desenvolva no aluno a capacidade de aprender a aprender - lendo, compreendendo e interpretando é um grande desafio, porém constitui-se num dever do professor. O que é novo hoje pode estar superado amanhã, portanto há a necessidade de se criar e inovar sempre. A sociedade atual requer um pesquisar e construir constantes. E a leitura tem sua parcela decisiva de contribuição, pois é ela que nos permite buscar novos conhecimentos.

■ Referências Bibliográficas

DELORS, Jacques et alii. *Educação - um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO. 6. ed., São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. “Considerações em torno do ato de estudar”. In: *Ação cultural para a liberdade*. 6. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 37. ed., São Paulo: Cortez, 1999.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 6. ed., Campinas, SP: Pontes, 1998.

KOCH, Ingedore G.V. *Argumentação e linguagem*. 4. ed., São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *A coesão textual*. 7. ed., São Paulo: Contexto, 1997. (Coleção Repensando a Língua

Portuguesa).

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. 3. ed., Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996. (Coleção passando a Limpo).

RIOS, Terezinha A. *Ética e competência*. 7. ed., São Paulo: Cortez, 1999.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 3. ed., São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *A universidade, a pós-graduação e a produção do conhecimento*. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 1998.